

***Exterioridade*¹ discursiva no conto “A Ceia”, de Lygia Fagundes Telles: por uma perspectiva semiótica**

Discursive *Exteriority* in the short tale “A Ceia”, by Lygia Fagundes Telles: a semiotic approach

Gláucia Muniz Proença Lara²
Universidade Federal de Minas Gerais
Conrado Moreira Mendes³
Universidade de São Paulo/FAPESP

Resumo

Segundo Barros (2009), a Semiótica Discursiva, para tratar do que é exterior ao texto, ou seja, para estabelecer uma relação entre texto e contexto, atua metodologicamente de três modos: (1) pela análise de percursos temáticos e figurativos que revelam, de alguma forma, as determinações histórico-sociais inconscientes; (2) pelas relações intertextuais e interdiscursivas que um dado texto estabelece com outros textos; e, por fim, (3) pelas relações entre a semiótica da língua e a semiótica do mundo natural (ou outros sistemas de significação). Assim, partindo da noção de *exterioridade* discursiva (BARROS, 2009), faremos uma análise do conto “A Ceia”, de Lygia Fagundes Telles, que integra a obra *Antes do Baile Verde* (2009 [1970]), com o objetivo de depreender sua exterioridade, entendida como algo imanente ao próprio texto.

Palavras-Chave

Semiótica discursiva, Texto literário, *Exterioridade* discursiva.

Abstract

According to Barros (2009), French Semiotics, aiming at studying text exteriority, that is, trying to establish a relationship between the text and the context, works methodologically in three ways: 1) analyzing the thematic and figurative paths that display in some way, historical and socially uncounscious determinations; 2) considering intertextual and interdiscursive connections that a text establishes with other texts; 3) examining the relationship between semiotics of the language and semiotics of the natural world (or other meaningful systems). Thus, taking into account the notion of discursive *exteriority* (BARROS, 2009), we analyze the short tale “A Ceia”, from the book *Antes do Baile Verde* (2009 [1979]), by Lygia Fagundes Telles, with the purpose of studying its *exteriority*, understood as something immanent in the text itself.

Keywords

French Semiotics, Literary text, Discursive exteriority.

1. Introdução

Definida genericamente como “teoria da significação”, a Semiótica Discursiva (também chamada de Semiótica Francesa ou Greimasiana, em homenagem a seu fundador: Algirdas Julien Greimas) é uma teoria linguística, herdeira do Estruturalismo de Saussure e Hjelmslev, que tem na literatura um campo privilegiado de exercício (BERTRAND, 2003). Mas não para por aí: dialoga com outras disciplinas, como a Filosofia (sobretudo a Fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty) e a Antropologia Cultural (leia-se Lévi-Strauss e Marcel Mauss, entre outros). Essa diversidade de fontes lhe confere uma base interdisciplinar que faz dela uma das teorias mais avançadas atualmente para o trabalho com o texto / discurso.⁴

No presente artigo, pretendemos discutir o conceito de *exterioridade*, tal como ele se manifesta no escopo da teoria semiótica, aplicando-o, em seguida, à análise de um texto literário: o conto “A Ceia”, de Lygia Fagundes Telles, que integra a obra *Antes do Baile Verde* (2009 [1970]). Isso porque, partindo da famosa máxima greimasiana de que “fora do texto não há salvação”, o semioticista se vê sempre às voltas com a questão de definir o que se entende, afinal de contas, por *exterioridade* no âmbito da teoria e como tal noção pode ser explorada na análise de textos concretos. Nessa perspectiva, não é nosso objetivo propor inovações no quadro da Semiótica, mas apenas contribuir com algumas reflexões para uma definição / aplicação adequada do conceito em foco.

Assim, para tratar do que é *exterior* ao texto / ao discurso, isto é, para estabelecer uma relação entre texto e contexto, a Semiótica atua metodologicamente de três formas: (1^a) pela análise de percursos temáticos e figurativos “que revelam, de alguma forma, as determinações histórico-sociais inconscientes”; (2^a) pelas relações intertextuais e interdiscursivas que o texto em análise estabelece com outros textos; e (3^a) pelas relações entre a semiótica da língua e a semiótica do mundo natural (ou outros sistemas de significação) (BARROS, 2009, p. 352).

O sentido de *exterioridade*, no âmbito da Semiótica Discursiva, não se refere, pois, àquilo que é exterior ao texto no sentido de transcendê-lo, tal como propõe a Análise do Discurso Francesa (AD), da qual, aliás, advém o termo (BARROS, 2009, p. 351). Por “exterioridade”, a AD entende as determinações sócio-histórico-ideológicas que intervêm a título de condições de produção do discurso. Já para a Semiótica, a *exterioridade* é algo (re)construído a partir das estruturas do próprio texto em análise – as estruturas intratextuais – ou por meio do diálogo que ele estabelece com outros textos (do mesmo autor, da mesma época etc.). Por isso, a Semiótica de A. J. Greimas e seus sucessores mantém-se coerente com suas bases fundadas no primado da imanência.

Vejam, pois, como as três vertentes da *exterioridade* propostas pela Semiótica de base greimasiana podem ser apreendidas num texto concreto. Pela natural afinidade que a teoria, desde os seus primórdios, mantém com a literatura, nada melhor do que um texto desse domínio para ilustrar a discussão que buscamos aqui empreender.

2. Exterioridade no conto de Lygia Fagundes Telles

O conto “A Ceia”, nosso objeto de análise, relata o reencontro de dois ex-amantes / namorados, Alice e Eduardo, num restaurante “modesto e pouco frequentado” (TELLES, 2009, p. 121). O diálogo entre eles é marcado pela insistente tentativa de Alice de fazer com que Eduardo volte atrás na decisão que tomou de romper o longo relacionamento amoroso que tiveram. Trata-se, pois, do primeiro encontro após a separação. Narrativamente, a partir de uma disjunção pressuposta, isto é, o fim daquela relação amorosa, o conto se ancora num percurso de manipulação – por fim, malsucedido – que visa a reverter a disjunção entre os actantes (os atores do nível discursivo Alice e Eduardo). Em outras palavras: Alice não consegue seu intento de restabelecer o vínculo com Eduardo, já que este, no fazer interpretativo que lhe cabe, não aceita o acordo, o contrato proposto pela mulher que, no papel actancial de Destinador-manipulador, realiza um fazer persuasivo.

“A Ceia”, no entanto, para além de um exame de sua estrutura narrativa,⁵ oferece inúmeros elementos que justificam outra análise, guiada pelos conceitos anteriormente mencionados, e cuja inspiração foi o texto de Barros (2009). A análise do conto será dividida em três seções. Em cada uma delas, apresentaremos

e discutiremos os conceitos-chave, segundo as três acepções de *exterioridade* propostas pela autora, para, em seguida, aplicá-los ao conto aqui focado. Abordaremos, assim, os seguintes aspectos: (1) percursos temáticos e figurativos; (2) intertextualidade; e (3) semiótica da língua e sua relação com a semiótica do mundo natural. Orientados por tais conceitos, acreditamos que, ao final da análise, tenhamos depreendido a *exterioridade* discursiva, a partir de uma via semiótica e, portanto, uma *exterioridade* de natureza imanente no conto em questão.

2.1. Percursos Temáticos e Figurativos

Examinemos, pois, a primeira acepção proposta por Barros (2009) para a abordagem da *exterioridade* no escopo da teoria semiótica: os temas e as figuras que se encadeiam nos textos, de modo a construir percursos.

Para Greimas e Courtés (2008), a noção de tema refere-se ao revestimento semântico que recobre as relações entre os actantes do nível narrativo. Tal revestimento se caracteriza por designar um elemento que não está presente no mundo natural; são, geralmente, elementos linguísticos abstratos, que possuem uma função de organizar, justificar ou explicar os fatos do mundo. Desse modo, pelo processo de conversão, as relações do nível narrativo, ao passarem para o nível discursivo, são tematizadas. Um exemplo: se, no nível narrativo (mais abstrato que o discursivo), temos um sujeito que passa da disjunção à conjunção com o objeto-valor (Ov) “liberdade”, na conversão para o nível discursivo, essa relação poderá ser tematizada como fuga. Os temas disseminam-se, de forma sintagmática ao longo do texto, formando percursos temáticos. São esses percursos que importam ao analista do discurso, uma vez que são eles que conferem ao texto um ou mais plano(s) de leitura (isotopias). Nesse sentido, Greimas e Courtés (2008) postulam que o tema:

[...] do ponto de vista da análise, [...] pode ser reconhecido sob a forma de um percurso, que é a distribuição sintagmática de investimentos temáticos parciais que se referem aos diferentes actantes e circunstantes desse percurso [...]: a tematização operada pode concentrar-se seja nos sujeitos, seja nos objetos, seja nas funções, ou ainda repartir-se mais ou menos igualmente entre os elementos da estrutura narrativa (p. 495).

Por ocasião da conversão do nível narrativo para o discursivo, as relações actanciais já tematizadas podem ser concretizadas ainda mais pelo revestimento de figuras, isto é, elementos que remetem ao mundo natural (ou construído como tal). Assim, o citado tema da fuga poderia ser figurativizado, por exemplo, por um ator do enunciado (um personagem) que cava um túnel e escapa da prisão. Esclarece Fiorin (2006, p. 90) que “tematização e figurativização são dois níveis de concretização do sentido”. Esses dois níveis situam-se no componente semântico do patamar discursivo do percurso gerativo de sentido. Vale insistir no fato de que, na conversão do nível narrativo ao discursivo, um texto será sempre tematizado, mas não necessariamente figurativizado. Disso decorre que há textos predominantemente temáticos, como os científicos e os filosóficos, por exemplo, e textos predominantemente figurativos, como os literários.

Quanto ao procedimento de figurativização, Greimas e Courtés (2008, p. 496) postulam ainda que há dois níveis: o primeiro é a figurativização propriamente dita, ou seja, o nível da instalação das figuras semióticas; o segundo, chamado de iconização,⁶ “visa [a] revestir exaustivamente as figuras, de forma a produzir a ilusão referencial que as transformaria em imagens do mundo”. Eis porque o processo de figurativização / figuratividade relaciona duas semióticas: a da língua e a do mundo natural. É por meio dos procedimentos de figurativização e de iconização que a literatura (re)cria o mundo por ilusão referencial. A essa questão voltaremos na última parte deste artigo.

Cabe frisar que tanto os temas quanto as figuras encadeiam-se, formando percursos. Fiorin (2006, p. 106) ressalta, na esteira de Greimas e Courtés, que, numa análise, o importante são os percursos temáticos e figurativos, e não os temas e as figuras tomados isoladamente. São tais encadeamentos que darão ao texto um plano de leitura ou, em termos mais metalinguísticos, uma isotopia, isto é, “uma recorrência de categorias sêmicas” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 276).

Esclarecidas as noções de tema, figura e isotopia, resta explicar por que a análise da semântica discursiva é uma das maneiras por meio das quais a Semiótica trabalha com o que é *exterior* ao texto. Segundo Fiorin (2006, p. 106), o lugar privilegiado de manifestação da ideologia é o nível dos temas e figuras. No seu entender, “não é nos níveis mais abstratos do percurso gerativo que se manifesta, com plenitude e nitidez, a ideologia, *mas na concretização dos valores semânticos.*” (grifos nossos). O autor explica melhor essa questão quando afirma:

O campo das determinações inconscientes é a semântica discursiva, pois o conjunto de elementos semânticos habitualmente usado nos discursos de uma dada época constitui a maneira de ver o mundo numa dada formação social. Esses elementos surgem a partir de outros discursos já construídos, cristalizados e cujas condições de produção foram apagadas. Esses elementos semânticos, assimilados individualmente pelo homem ao longo de sua educação, constituem a consciência e, por conseguinte, sua maneira de pensar o mundo. Por isso, certos temas são recorrentes na maioria dos discursos [...]. *A semântica discursiva é o campo da determinação ideológica propriamente dita* (FIORIN, 2005, p. 19; grifos nossos).

Assim, ao eleger os temas e as figuras que comporão seu texto, o enunciador (autor implícito) dá-se a ver a seu enunciatário (leitor implícito) e, ao fazê-lo, torna depreensível sua ideologia, sua forma de ver e pensar o mundo. Trata-se, no entanto, de um processo dialético, pois, ao mesmo tempo em que é “senhor” de seu texto, o enunciador é também suporte dos discursos / da ideologia que circula(m) na sociedade em que vive (FIORIN, 2005, p. 41-42).

Munidos dos conceitos de *tema, figura e isotopia*, passemos ao exame desses elementos no conto de Lygia Fagundes Telles. Como se trata de um texto predominantemente figurativo, como são os literários, apontaremos os principais percursos figurativos (e os temas subjacentes) que o atravessam. Desse modo, não nos preocuparemos em abordar todos os temas e figuras que atuam na construção de sentido, mas apenas aqueles que se mostram mais “salientes”. Em seguida, buscaremos articulá-los em torno de uma isotopia (ou plano de leitura) dominante. Nessa perspectiva, concordamos com Fiorin (1995) para quem a análise de um texto deve centrar-se sobre os aspectos mais explorados pelo próprio texto.

Como já foi dito, “A Ceia” relata o encontro de Alice e Eduardo num restaurante, após o término de um longo relacionamento. Assim se inicia o conto: “O restaurante era modesto e pouco frequentado, com mesinhas ao ar livre, espalhadas debaixo das árvores. Em cada mesinha, um abajur feito de garrafa projetando sobre a toalha xadrez vermelho e branco um pálido círculo de luz” (TELLES, 2009, p. 121). As figuras disseminadas no fragmento acima criam um ambiente simples e “pouco frequentado” (como afirma textualmente o narrador) que, mais à frente, é qualificado de “decadente”:

Deram alguns passos contornando as mesas vazias. No meio do jardim *decadente*, uma fonte extinta. O peixe de pedra tinha a boca aberta, mas já há muito a água secara, deixando na boca escancarada o rastro negro da sua passagem. Por entre as pedras, tufo de samambaia enredados no mato rasteiro (TELLES, 2009, p. 129; grifo nosso).

Vejamos ainda outro trecho: “Ela apoiou os cotovelos na mesa e ficou olhando para o homem. Seu rosto fanado e branco era uma máscara delicada emergindo da gola negra do casaco” (TELLES, 2009, p. 122). A figura “rosto fanado” de Alice, isto é, um rosto murcho, sem frescor, vai construindo um percurso figurativo do qual se depreende o tema da falta de viço, da velhice / maturidade. Tal tema pode ser notado em outros momentos do conto, entre os quais aquele em que Alice pergunta a Eduardo se o corte de cabelo que fizera a tinha deixado com ares mais joviais. Ela diz: “cortei o cabelo. Remoça, não?” (TELLES, 2009, p.123). Em outra passagem, Alice, ao referir-se à nova namorada de Eduardo, afirma: “e [ela] já sabe tudo ao meu respeito, não? Até a minha idade.” (TELLES, 2009, p. 124). O tema da idade avançada daquela mulher é, pois, compatível com o tema da decadência do restaurante. Outras figuras vão surgindo e encadeando-se nesse percurso: “uma folha seca pousou sobre a mesa” (TELLES, 2009, p. 122).

Era, enfim, um encontro entre dois ex-amantes. Ela, já sem o viço da juventude; o restaurante, simples, ermo. São figuras que constroem, de forma icônica, um ambiente triste, que, apenas vagamente, lembra a glória outrora vivida pelo lugar e que, metaforicamente, remetem àquele relacionamento amoroso deteriorado. No final do conto, revela-se que Alice tinha idade muito superior à de Eduardo; ele, por sua vez, já estava de casamento marcado com uma moça bem mais jovem. Desse modo, apreendemos um percurso figurativo que “concretiza” o tema da decadência: o do ambiente, o da idade madura de Alice (talvez madura demais, pela ótica de Eduardo), e o do término daquela relação amorosa.

Retomando e sintetizando a análise que vimos fazendo, podemos afirmar que a disseminação de figuras das quais se depreende o tema da decadência (do ambiente, daquela mulher com traços de senilidade coincide com o declínio do relacionamento de Alice e Eduardo. Não por acaso, o restaurante é modesto, quase abandonado; a mulher tem um “rosto fanado”: as figuras – e os temas que subjazem a elas – são, assim, o “lugar” do ideológico nos textos.

Vejam os outros personagens que se mostram relevantes em “A ceia”. Durante o conto, por uma série de vezes, os atores do enunciado, Alice e Eduardo, referem-se ao isqueiro que ele portava consigo. Observemos o trecho:

Ele ofereceu-lhe cigarro. Apalpou os bolsos.
– Acho que esqueci o fósforo. Trouxe também o isqueiro, mas sumiu tudo... – Revistou a capa em cima da cadeira. – Ah, está aqui! – *exclamou subitamente animado, como se o encontro do isqueiro fosse uma solução não só para o cigarro, mas também para a mulher na expectativa* (TELLES, 2009, p. 123; grifos nossos).

Já temos como pressuposta a “astúcia” do enunciativo na forma como elege figuras para concretizar certos temas. Um isqueiro, pelas características sensoriais (o formato, o fato de lançar chamas) poderia ser considerado um objeto fálico.⁷ O isqueiro, portanto, naquela cena enunciativa, não é apenas um objeto de função utilitária: acender cigarros. Sua função fálica / simbólica se deixa entrever principalmente na parte destacada do trecho anteriormente citado. Vejamos ainda como isso se dá, de forma mais explícita, num outro trecho do diálogo entre os personagens:

– Ela fuma?
– O quê?
– Perguntei se ela fuma.
[...]
– Fuma.
– *E gosta desse seu isqueiro?* (TELLES, 2009, p. 131; grifos nossos).

Portanto, pelas passagens transcritas, podemos dizer que a figura “isqueiro” conecta duas isotopias (duas leituras): uma isotopia pragmática (a do isqueiro como objeto de função utilitária) e uma isotopia sexual (a do isqueiro como objeto fálico / simbólico). Portanto, a relação pênis / virilidade, estabelecida nos discursos que circulam socialmente, é retomada e textualizada em “A ceia” pela articulação com a figura do isqueiro, como sugere a parte destacada do último excerto.

Por ironia, no final do conto, após a derradeira despedida dos dois amantes, temos a seguinte passagem relatada pelo narrador: Eduardo “[...] se afastou a passos largos. Antes de enveredar pelo corredor, parou e apalpou os

bolsos. Hesitou. Prosseguiu mais rápido, sem olhar para trás” (TELLES, 2009, p. 132). Alice também deixou o restaurante. Segue-se o trecho:

Quando ela já tinha dado alguns passos ele [o garçom] a alcançou.
– A senhora esqueceu isto.
– Ah, o isqueiro – disse ela. Guardou-o na bolsa (TELLES, 2009, p. 133).

O isqueiro, portanto, foi deixado, ou esquecido, por Eduardo por alguma razão, provavelmente, como um último *souvenir* para Alice. Um isqueiro cuja chama já há muito havia se apagado.

Outra figura importante no conto que passa a compor, com o isqueiro, o percurso da sexualidade, é o prato pedido pelo ex-casal no restaurante. Diz Eduardo: “acho que quero um bife, você me acompanha?” (TELLES, 2009, p. 122) – referindo-se à Alice. Assim como no caso do isqueiro, à figura da carne também subjazem duas isotopias, uma delas, evidentemente, gastronômica; a outra, sexual. Trata-se, portanto, de uma figura bi-isotópica, ainda que a isotopia da sexualidade esteja em estado potencializado. Assim, tais determinações de ordem inconsciente não deixam de se fazer presentes nos discursos e, portanto, de se expressarem nos textos. Por fim, e não coincidentemente, o prato pedido não chega: “estou só esperando aquele alegre que se esqueceu dos bifés” (TELLES, 2009, p. 132), comenta Eduardo. A carne, portanto, não é comida – sob nenhum aspecto.

Ao longo do conto, um dado que chama a atenção é o comportamento assumido pelos ex-amantes durante o encontro. Ela, desesperadamente, tenta convencer Eduardo a lhe dar qualquer migalha de seu afeto. Ele, impaciente e irredutível, não se deixa abater pelos argumentos da mulher.⁸ Nesse fazer persuasivo empreendido por Alice, um percurso se destaca, como mostra o fragmento, a seguir, em que ela, dirigindo-se ao ex-companheiro, diz: “foi horrível, não, Eduardo? [...] Sabendo o quanto você detesta essas cenas, imagine, quebrar o copo na mão, aquela coisa assim dramática do vinho ir escorrendo misturando com o sangue” (TELLES, 2009, p. 122).

O sangue e o vinho misturando-se sobre a mão cortada são figuras que remetem, metaforicamente, à paixão de Cristo, relacionando-se, pois, de forma intertextual, aos escritos bíblicos, nos quais o vinho transmuta-se em sangue. É evidente que, no trecho citado, Alice ironiza a relação vinho-sangue, valendo-

se, pois de um percurso figurativo religioso (subvertido, como é próprio da ironia) para agir sobre Eduardo e levá-lo a repensar o rompimento da longa relação que tiveram. Como essa questão remete à segunda vertente da *exterioridade* que nos propusemos abordar aqui – a intertextualidade –, ela será retomada e explorada mais detidamente na próxima seção.

Em resumo, os percursos figurativos da decadência, da sexualidade e o da religiosidade (assumido, como foi dito, por um viés irônico e relacionado, como se verá, à última ceia de Cristo) confluem no conto analisado. São percursos que, por vezes, entrelaçam-se e correm num mesmo sentido. E, ainda que sejam percursos figurativos distintos, a eles subjaz uma isotopia temática mais abstrata: a inexorável finitude das coisas. Como ressalta Bertrand: “o figurativo precisa ser assumido por um tema. Este último dá sentido e valor às figuras. A descrição de uma isotopia figurativa visa na maioria das vezes ao estabelecimento da isotopia temática que a fundamenta” (BERTRAND, 2003, p. 213).

Do ponto de vista da ideologia que os temas e figuras apontados manifestam, não podemos deixar de observar que, na sociedade (machista e patriarcal) em que vivemos, a mulher tem o *nobre* papel de reprodutora. Assim, depois da idade considerada fértil, ela passa a não mais despertar desejo sexual no homem, segundo afirmam os discursos hegemônicos que circulam socialmente. O homem, por sua vez, tem o tempo de vida fértil muito superior ao da mulher; por isso, em muitos casamentos desfeitos, homens mais velhos casam-se novamente com mulheres mais jovens, sem que isso cause nenhuma estranheza. A situação contrária é, em geral, vista de forma negativa (disfórica), pois vai de encontro a uma série de determinações sociais, históricas, culturais e mesmo econômicas.

É de se esperar, pois, que textos produzidos numa sociedade como a nossa, ainda profundamente marcada por valores machistas – apesar dos inegáveis avanços em direção a relações mais igualitárias –, veiculem, no plano de conteúdo (o do discurso), esses mesmos valores (ainda que seja para questioná-los ou subvertê-los). E o conto de Lygia Fagundes Telles vai desvelando magistralmente, por meio dos temas e figuras disseminados ao longo da história de Alice e Eduardo, a ideologia da superioridade masculina que circula em nossa sociedade, o que permite ao semiótico que se debruça sobre ele explorar uma *exterioridade* imanente ao texto, compatível, portanto, com os pressupostos da teoria.

2.2. Intertextualidade

De acordo com Barros (2009), a segunda maneira de que a Semiótica se vale para examinar a *exterioridade* discursiva de um texto é o diálogo que ele estabelece com outro(s). Tal proposta se mostra profícua, pois, segundo a autora:

Mantém-se o mesmo quadro teórico, já que são sempre textos que estão em exame, com duas decorrências: não se juntam perspectivas teoricamente contraditórias, e o analista do texto e do discurso tem a segurança teórica e metodológica advinda do fato de que com textos sabemos e podemos trabalhar (BARROS, 2009, p. 355).

Relações entre textos podem ser do tipo intertextual ou interdiscursiva. No primeiro caso, as relações estão textualizadas; no segundo, referem-se apenas ao plano de conteúdo dos textos (que é o do discurso). No que tange à intertextualidade, de que especificamente trataremos aqui, Discini (2004, p. 11) afirma: “na intertextualidade não há fronteiras, não há linha divisória entre o eu e o outro, não há ruptura, [pois] a retomada da palavra do outro é constitutiva de qualquer discurso”. Em outras palavras – e retomando uma figura já utilizada por Bakhtin –, apenas o Adão mítico teria construído um discurso inédito, não perpassado por outros discursos. Isso porque o discurso circula socialmente e é concebido no bojo da cultura. A afirmação de Discini (2004) é importante como demarcador epistemológico da visão que temos sobre a relação entre texto e contexto, ou entre texto e *exterioridade* discursiva.

Nesse sentido, afirmam Lara e Matte (2009, p. 83) que: “quando o assunto é intertextualidade – ou o ‘diálogo’ entre textos –, urge definir o que está dentro e o que está fora do texto. Mais que isso: urge delimitar ‘o fora do texto’ pertinente em uma análise semiótica da intertextualidade”. Desse modo, no âmbito da Semiótica, demarca-se a *exterioridade*, delimitando os textos com os quais o texto em análise dialoga. E tal delimitação não é guiada senão pelos próprios elementos semânticos (por exemplo, os temas e as figuras) nele inscritos.

Ora, a principal relação intertextual do conto analisado ocorre já no título: “A ceia”, que, como foi dito, remete à passagem bíblica conhecida como “A última ceia”. Segundo consta nas escrituras bíblicas, Jesus tomou sua última refeição acompanhado dos 12 apóstolos. Nela, transformou o pão e o vinho, respectivamente, em seu corpo e sangue, e revelou que um de seus apóstolos iria traí-lo: Judas, o

qual, naquela ocasião, beijou a face esquerda de Cristo e, posteriormente, delatou-o, recebendo, por isso, 30 moedas de prata (MATEUS, 26: 15).

Ironicamente, é a última refeição dos ex-amantes e, além disso, do ponto de vista de Alice, ela foi traída por Eduardo, que a trocou por outra. Assim, já pelo título do conto poder-se-ia estabelecer tal relação de natureza intertextual. No entanto, ela se constrói, de forma ainda mais inequívoca, na seguinte passagem:

A mulher apertou os olhos. E pôs-se a amassar entre os dedos um pedaço de miolo de pão.

– Quem diria, hein? *Nossa última ceia. Não falta nem o pão, nem o vinho. Depois você me beijará a face esquerda.*

– Ah, Alice... – E ele riu frouxamente, sem alegria. – *Não tome agora esse ar assim bíblico, ora, a última ceia.* Não vamos começar com símbolos, quero dizer, não vamos ficar aqui numa cena patética de separação. Tudo foi perfeito enquanto durou (TELLES, 2009, p. 128; grifos nossos).

Não existem, portanto, textos ou discursos que já não sejam previamente atravessados por outros textos e outros discursos. Conforme afirma Discini (2004, p. 11): “o texto-base entra como condição de construção de sentido do discurso da variante intertextual”.

Nessa perspectiva, o título do conto, somado à passagem transcrita acima (e ao fragmento sobre vinho/sangue explorado na seção anterior), bem como o ritual que compõe um jantar (como, por exemplo, o sentar-se à mesa, o manuseio de talheres, copos, pratos – em suma – todas aquelas práticas semióticas) permitem resgatar o histórico, o social, remetendo a *exterioridade* para dentro do texto.

2.3. Mundo natural e figuratividade

A terceira forma por meio da qual a Semiótica Discursiva lida com o que é *exterior* ao texto refere-se à relação entre duas semióticas: a da língua e a do mundo natural. Disso resulta, segundo as palavras de Barros (2009, p. 361), “uma clara mudança no patamar de análise”, pois passam a se relacionar dois sistemas semióticos distintos. Nas seções anteriores, estavam em jogo os


elementos da semântica discursiva e as relações intertextuais, determinados por coerções sócio-históricas inconscientes. Nesse novo patamar de análise, aborda-se a “relação entre palavras e coisas, entre língua e mundo”, decorrentes da relação entre a semiótica da língua e a semiótica do mundo natural, como esclarece a autora.

Ressaltamos que por “mundo natural” a teoria greimasiana entende um mundo previamente semiotizado, portanto, já do domínio da cultura; não se refere, portanto, à oposição lévi-straussiana entre natureza e cultura. Dessa maneira, o acesso que temos a esse mundo “natural” já é perpassado pela linguagem e, nesse sentido, é cultural. Por isso, Greimas e Courtés (2008, p. 324) tomam por “*mundo natural*” o parecer segundo o qual o universo se apresenta ao homem como um conjunto de qualidades sensíveis, dotado de certa organização que faz com que o designemos por vezes como ‘mundo do senso comum’” (grifos do original). Acrescenta Bertrand (2003, p. 159) que: “o mundo natural, do ‘senso comum’, na medida em que é logo de saída instruído pela percepção, constitui em si mesmo um universo significativo, ou seja, uma semiótica”. Por essa razão, o mundo natural é considerado um sistema semiótico, assim como o é a língua. No caso da semiótica do mundo natural, o autor afirma que “ver não é apenas identificar objetos do mundo; simultaneamente apreender relações entre tais objetos, para construir significações” (BERTRAND, 2003, p. 159).

Do mesmo modo que a semiótica da língua, que se constitui de um significante e de um significado – ou de uma expressão e de um conteúdo, para utilizarmos a terminologia hjelmsleviana –, a semiótica do mundo natural também é biplana. Por isso, o mundo é lido, visto, interpretado como um sistema que se constrói por meio de relações, tal como ocorre no sistema das línguas naturais. Disso decorre que o mundo natural, além de seu plano de conteúdo, tem um plano de expressão, que pode ser visual, tátil, gustativo etc. Por essa razão, o mundo natural também é uma semiótica constituída de um plano de expressão e de um plano de conteúdo.

Sendo a língua e o mundo natural semióticas biplanas, pela perspectiva que assumimos, tais sistemas se relacionam. No ensaio conhecido como “*Conditions d’une sémiotique du monde naturel*”, Greimas afirma que “o plano da expressão (a forma da expressão) do mundo natural torna-se plano do conteúdo (forma do conteúdo figurativo) das línguas naturais” (BARROS, 2009, p. 361), conforme mostra o QUADRO 1.

QUADRO 1

SEMIÓTICA DO MUNDO NATURAL		SEMIÓTICA DA LÍNGUA	
PLANO DA EXPRESSÃO (forma da expressão)		PLANO DO CONTEÚDO (forma do conteúdo figurativo)	

Duas consequências dessa coparticipação entre tais sistemas semióticos – as que, principalmente, nos interessam neste artigo –, segundo Barros (2009, p. 361), são: (1) “como as figuras do plano do conteúdo se constituem a partir do plano da expressão de outra semiótica, elas assumem o papel de produzir efeitos de sensorialidade no plano de conteúdo do texto”. A outra decorrência é que (2) “com as correlações entre duas semióticas, a do mundo natural e a das línguas naturais, a Semiótica apresenta outra perspectiva de exame do referente”.

É a partir dessas considerações que voltamos à questão da figuratividade, já tratada sob a forma de percursos no item Percursos Temáticos e Figurativos. Bertrand (2003, p. 154) lembra que o conceito de figuratividade é oriundo do domínio da teoria estética, que opõe a arte figurativa à arte abstrata. No âmbito da Semiótica, esse conceito não se restringe apenas à seara de uma Semiótica Plástica ou Visual:

O conceito de figuratividade foi estendido a todas as linguagens, tanto verbais quanto não verbais, para designar esta propriedade que elas têm em comum de produzir e restituir parcialmente significações análogas às de nossas experiências perceptivas mais concretas. O conceito de figuratividade permite, assim, localizar no discurso este efeito de sentido particular que consiste em tornar sensível a realidade sensível (BERTRAND, 2003, p. 154).

Eis porque, segundo esse autor, pela leitura de um texto literário, entramos, de imediato, na figuratividade. Textos figurativos, como são os literários, recriam o mundo, pois pintam, em cores vivas, espaços, cheiros, afetos,

gostos que experimentamos no mundo natural. A figuratividade do domínio da semiótica da língua entra em correlação com a semiótica do mundo natural ao circular como discurso e, mais ainda, ao ser textualizada. Assim, estabelece-se a relação⁹ entre mundo natural, figuratividade e literatura.

Por isso, pela figuratividade, é construído um efeito de realidade nos textos, sobretudo, nos literários. Não nos esqueçamos, no entanto, de que se trata de um efeito de sentido. Textos do gênero realista têm essa característica. Porém, o efeito pode ser de irrealidade ou de surrealidade, como bem esclarece Bertrand (2003, p. 162).

Além disso, o real ou o falso construído por um texto não se refere a um real ou a um falso ontológico; são, antes, efeitos de sentido. A Semiótica, como disciplina cujo objeto de estudo é o “parecer do sentido” (BERTRAND, 2003, p. 11), não tem a preocupação de chegar a um real “absoluto”. Dessa forma, a disciplina trabalha com o conceito de *veridicção*, isto é, um dizer verdadeiro que se constrói como tal no e pelo texto / discurso. Disso, resulta também a não pertinência em se trabalhar com o conceito de referente externo ao texto. O referente, para a Semiótica de bases linguísticas (e também fenomenológicas), será sempre construído / inscrito no texto por meio de operações de figurativização, as quais, como vimos, estabelecem uma relação entre a semiótica da língua e a semiótica do mundo natural. Por isso, são sistemas semióticos, ao mesmo tempo, inter e independentes.

O efeito de realidade conferido aos textos figurativos pode variar numa gradiência de mais ou menos “real”. Assim, na esteira de Bertrand (2003, p. 208), a figuratividade pode ser considerada uma categoria da qual se depreendem os termos abstração e iconicidade, conforme vemos no QUADRO 2.

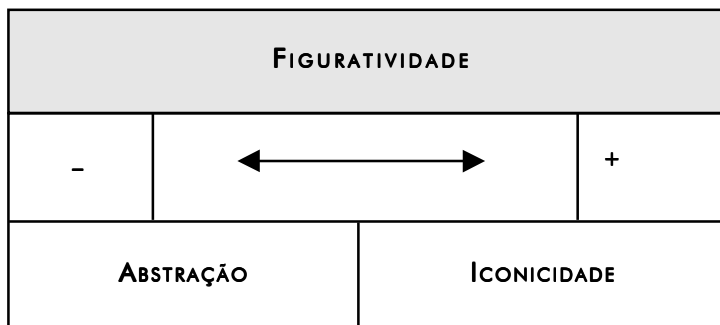
QUADRO 2

FIGURATIVIDADE	
ABSTRAÇÃO	ICONICIDADE

Ressaltamos, entretanto, que a oposição abstração / iconicidade não se dá de forma privativa (do tipo ou, ou), mas de forma participativa (do tipo e, e): “a figuratividade, sendo uma propriedade semântica fundamental da linguagem [...], proporciona manifestações graduais de acordo com o uso que o discurso faz dela” (BERTRAND, 2003, p. 208). Portanto, seria mais profícuo tomarmos a

figuratividade em termos de gradiência, que iria de uma abstração total a uma completa iconicidade, como mostra o QUADRO 3.

QUADRO 3



A diferença semântica entre os polos desse último esquema deve-se ao que Bertrand (2003, p. 210), pela perspectiva da semântica estrutural, chama de densidade sêmica. Greimas (*apud* BERTRAND, 2003, p. 210) esclarece que “a iconicidade ocorrerá se os traços que o formante [sêmico] reúne forem suficientes para permitir sua interpretação como representante de um objeto de um mundo natural”. Sendo a figuratividade a categoria da qual se depreendem *abstração* e *iconicidade*, ainda assim, é surpreendente a conclusão a que chega Bertrand (2003, p. 218; colchetes nossos) a propósito da figuratividade: “[ela] não é uma vestimenta da abstração, é a abstração que é fictícia e fabulatória, vestimenta desbotada de uma figuratividade original”.

Portanto, ao observarmos as relações entre semiótica da língua e semiótica do mundo natural, via figuratividade, vemos que a literatura (re)cria o mundo, oscilando algumas vezes para o menos figurativo e outras para a figuratividade levada às últimas consequências: a iconicidade. São, como dissemos, efeitos de sentido de um “real” construído em maior ou menor grau.

Retomamos aqui certos conceitos para explicar a maneira de que a literatura se vale para (re)criar um mundo, frequentemente, parecido com o que cotidianamente percebemos e vivenciamos: o mundo natural. As próximas linhas não se referem propriamente a uma análise, mas a uma retomada de alguns pontos das seções anteriores com base nos conceitos discutidos nesta seção.

Assim, de acordo com a citação de Bertrand, parafraseada anteriormente, de que “ao lermos um texto literário, entramos imediatamente na figuratividade”

(BERTRAND, 2003, p. 154), constatamos que essa entrada, de fato, acontece em “A ceia”. O enunciatário é levado pelas hábeis mãos do enunciador a um restaurante simples, meio escondido, deserto: “era modesto e pouco frequentado com mesinhas ao ar livre”, cuja descrição se dá de forma detalhada: “em cada mesinha, um abajur feito de garrafa projetando sobre a toalha de xadrez vermelho e branco um pálido círculo de luz” (TELLES, 2009, p. 121). Sob a forma de figuras da semiótica da língua, são evocados signos da semiótica do mundo natural: é o momento da *proprioceptividade*. Tudo é minimamente descrito. O leitor pode sentir-se quase como um *voyeur*, “acomodado” naquela cena enunciativa, observando os atores do enunciado. Cria-se a ilusão referencial: a figuratividade é elevada ao máximo, instaurando-se a iconicidade. Cada figura entra em correlação com um signo do mundo natural, pois o mundo arquitetado pela língua, via figuratividade, constrói como tal o mundo que cotidianamente se nos dá a ver. “A ceia”, desse modo, conduz o leitor, de forma sensorial, estética, a um espaço, a um tempo; faz com que ele experimente odores, gostos, que vivencie estados de alma – ora desesperados, ora contidos – de Alice e Eduardo.

Assim, ao acessar a *exterioridade* discursiva pela via da relação entre a semiótica da língua e a semiótica do mundo natural, a disciplina de A. J. Greimas e seus sucessores não abandona suas bases, as quais possibilitaram a construção de uma disciplina coerente e vigorosa.

3. Considerações finais

Para empreender a análise do conto “A Ceia”, de Lygia Fagundes Telles, pautamo-nos pelo conceito de *exterioridade* discursiva, semiotizado por Barros (2009), o qual nos possibilitou reconstruir o *exterior*, o contexto do texto analisado.

Pudemos observar, na esteira de Barros (2009) e de Fiorin (2005, 2006), que é na semântica discursiva que o ideológico se mostra plenamente. Por meio da análise das figuras e dos temas subjacentes, assinalamos algumas das determinações – sociais, históricas, culturais, inconscientes – que incidem sobre o texto, remetem conseqüentemente, ao *exterior* de “A Ceia”.

Acreditamos também ter demonstrado, pela exposição dos conceitos de interdiscursividade e intertextualidade, a infinidade de discursos e textos que “dialogam” e, ao mesmo tempo, a necessidade de limitar esse “diálogo” na análise

semiótica intertextual. Relacionamos, intertextualmente, “A ceia” com “A última ceia”, aproximando uma narrativa contemporânea de uma narrativa milenar, que, por várias razões, ainda povoa fortemente nosso imaginário. Dessa forma, pudemos dar enfoque a um outro *exterior* que perpassa o conto analisado.

Exploramos ainda as relações entre língua e mundo e a forma como a literatura (re)cria, por meio da figuratividade, esse mundo, levando o enunciatário a experimentá-lo sensorialmente. Portanto, pelas três seções de caráter teórico-analítico, buscamos estabelecer a *exterioridade* discursiva em relação ao conto “A ceia”, de Lygia Fagundes Telles. Reiteramos que não se trata de uma exterioridade em seu sentido mais corrente (que remete para um “fora do texto”), mas de uma noção semiotizada de *exterioridade*.

Assim, pensamos que o exercício de análise a que nos propusemos contribui para demonstrar que a Semiótica de bases estruturalistas é, apenas na caricatura pintada por seus críticos, uma disciplina que alija de seu arcabouço teórico-metodológico as determinações sócio-históricas que incidem sobre o texto. Tal atitude nem mesmo seria logicamente possível, pois, conforme salienta Fiorin (2011, p. 33), o sentido é, necessariamente, histórico: “a História [é] interna e inerente ao sentido. Ele [o sentido] é histórico porque se constitui num processo dialético”.

Permitamo-nos, pois, encerrar a presente reflexão – em que esperamos ter lançado alguma luz sobre a abordagem semiótica da *exterioridade* –, com a citação de Barros (2009, p. 352), segundo a qual as críticas endereçadas à Semiótica (como aquelas que foram apontadas no parágrafo anterior) “só se justificam pelo desconhecimento da teoria e dos rumos por ela assumidos em seus quase 50 anos”.

Notas

¹ Grafamos o termo *exterioridade* (ou *exterior*) em itálico para marcar a forma como esses termos, tão caros à Análise do Discurso de Linha Francesa (AD), foram semiotizados.

² Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (1999), com estágio de um ano na *Université Paris X – Nanterre*, e pós-doutorado em Semiótica (2002), no *Groupe de Recherches Sémiotiques / EHESS* (Paris), com a supervisão de Jacques Fontanille. Atualmente é professora da Faculdade de Letras / UFMG, atuando tanto na graduação quanto na pós-graduação na área de Língua Portuguesa (Estudos Textuais e Discursivos). Entre suas publicações destacam-se os

livros *O que dizem da língua os que ensinam a língua: uma análise semiótica do discurso do professor de português* (Ed. UFMS, 2004), *Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto*, em coautoria com Ana Cristina Fricke Matte (Nova Fronteira, 2009), e os volumes 1, 2 e 4 da coletânea *Análises do discurso hoje*, organizados com Ida Lúcia Machado (1 e 2) e Wander Emediato (1, 2 e 4) (Nova Fronteira, 2008; 2011). E-mail: gmplara@gmail.com

³ Doutorando em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo, tendo realizado estágio de pesquisa de doutoramento de um ano na *Université Paris VIII*, França. É bolsista de Doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. É Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2009) e bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela mesma Instituição (2006). É membro-pesquisador do grupo de pesquisa Texto Livre: Semiótica e Tecnologia (UFMG), e membro-estudante do grupo de pesquisa Semiótica: modelos teóricos e descritivos (USP), ambos registrados no diretório de grupos do CNPq. Atua principalmente nas seguintes áreas: Semiótica Discursiva, Comunicação e Linguística Geral. E-mail: conradomendes@yahoo.com.br

⁴ Lembramos que, para a Semiótica, o texto se constitui pela junção de um plano de conteúdo (o do discurso) com um plano de expressão (verbal, não verbal ou sincrético). O plano de conteúdo dos textos é estudado por meio do percurso gerativo de sentido que propõe três níveis de organização: do mais simples e abstrato – nível fundamental – ao mais complexo e concreto – nível discursivo, passando pelo nível narrativo (intermediário). Cada um desses níveis é dotado de um componente semântico (os conteúdos veiculados) e um sintático (os arranjos que organizam os conteúdos).

⁵ Sobre a questão da narrativa, de percursos passionais e, principalmente, sobre acontecimento e enunciação em “A Ceia”, ver Mendes (2011).

⁶ Salientamos que o conceito de *iconização* empregado pelos autores do *Dicionário de Semiótica* não corresponde ao conceito peirciano de *icone* (ver o verbete “iconicidade” em: GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 496).

⁷ Para o *Dicionário Houaiss* (2001, p. 1.303), o termo *falo*, do grego *phallós*, em sua primeira acepção, corresponde à “imagem do órgão reprodutor masculino”. Um objeto fálico, por conseguinte, pela mesma fonte, “é [qualquer artefato] semelhante ao falo”. Dessa maneira, o objeto fálico é algo que remete, metaforicamente, via características sensoriais, ao pênis. De acordo com a teoria psicanalítica, por sua vez, o conceito de *falo* tem a ver com a “função simbólica do pênis na dialética intra e intersubjetiva” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2008, p. 167). Por tal ponto de vista, o falo diferencia-se do pênis propriamente dito, pois este consiste no órgão masculino

em sua realidade fisiológica, corpórea, enquanto aquele possui valor simbólico. No que se refere à relação entre *falo* (como conceito da psicanálise), *objeto fálico* e *pênis*, poder-se-ia considerá-los, pela metalinguagem semiótica, elementos de natureza temática, figurativa e icônica, respectivamente. Nesse sentido, o falo (temático) pode figurativizar-se em inúmeros objetos fálicos, inclusive, em sua forma icônica por excelência: o pênis. Ademais, pela perspectiva da semântica estrutural, seria possível dizer que os sememas *pênis* e *objeto fálico* sejam compostos de semas comuns, entre os quais figurariam, provavelmente, os traços “*retilineidade*” ou “*pontiagudeza*”, razão porque, ao *isqueiro*, na situação enfocada do conto “A Ceia”, subjazem as duas isotopias apontadas no texto: a utilitária e a sexual.

⁸ Esse aspecto relaciona-se, mais diretamente, às instâncias da manipulação e das paixões, categorias do nível narrativo de que não trataremos aqui, uma vez que isso foge aos objetivos do presente artigo, como já foi dito (vide item Introdução).

⁹ Cabe dizer que a Semiótica fez uso de conceitos da Psicologia da Percepção para estruturar essa relação. Nessa perspectiva, o mundo exterior define-se como *exteroceptividade*; o mundo interior, como *interoceptividade*. A interseção de ambos se define como *proprioceptividade*. Assim, é por esse último conceito que se opera a relação entre a semiótica do mundo natural e a semiótica da língua.

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Uma reflexão semiótica sobre a “exterioridade” discursiva. *Revista Alfa*. n. 53, v. 2, 2009. p. 351-364.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- DISCINI, Norma. *Intertextualidade e conto maravilhoso*. São Paulo: Humanitas, 2004.
- FIORIN, José Luiz. A noção de texto em Semiótica. *Organon*, v.9, p.163-173, 1995.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2005.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FIORIN, José Luiz. Semiótica e História. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Linguagens em diálogo* no 42, p. 15-34, 2011.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LARA, Gláucia M. P.; MATTE, Ana Cristina F. *Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

MATEUS. Novo Testamento. Evangelho segundo Mateus. In: *Bíblia Sagrada*. Cap. 26, vers. 15. Disponível em: <<http://www.bibliacatolica.com.br/01/47/26.php>>. Acesso em: 19 jan. 2012.

MENDES, Conrado Moreira. Acontecimento na Enunciação: Uma Análise do Conto “A Ceia”, de Lygia Fagundes Telles. *Cadernos de semiótica aplicada*. v. 9, n. 1, p. 1-13, 2011.

TELLES, Lygia Fagundes. A Ceia. In: _____. *Antes do baile verde*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 121-133, 2009.